São os sábios as verdadeiras alavancas do Universo, os argonautas que cruzam todos os oceanos do mistério, para levar a flotilha da Verdade aos continentes onde só existia a Dúvida. E assim eles penetram os mais estranhos segredos da Natureza, despindo de suas galas a tudo que era fabuloso, levando o homem a dominar todas as forças, todas as energias universais.

Foram até aos astros e devassaram-nos; atraíram as estrelas e estudaram-nas e encarceraram-nas dentro de pequenas lentes, enquadraram o firmamento na janela dum observatório e, um dia, a ansiedade de ir sempre mais longe conduziu-os até deus, não para o adorarem, mas para o negar, para lhe destruir seu fatídico prestígio.

E desde então o Universo foi pertença do homem — foi dominado pela inteligência humana, sempre inquieta, sempre anelando novos triunfos.

E os sábios jamais descansam, — e são eles que rasgam constantemente novos horizontes, apagando as trevas e levando a luz ao próprio coração do Obscurantismo.

Estão em toda a parte, e são eles os autênticos propulsores da Humanidade, os verdadeiros criadores dessa única religião digna de ter fieis — que é a Ciência.

Nos laboratórios, sobre as retortas, nos gabinetes onde se fecundam ideias novas, nas oficinas onde se dominam todas as energias, eles estão sempre meditativos, prescrutadores, como velhos alquimistas que querem honrar, aumentar e glorificar o legado que lhes foi deixado pelas gerações anteriores.

E laceram as entranhas da terra e conquistam o vácuo do céu e interceptam

todos os sons e fazem palpar o espaço e diminuem as distâncias e trocam os valores cronológicos, num desafio à Eternidade — e quando o mundo assombrado os julga já exaustos, eles surgem trazendo uma nova revelação, uma nova descoberta...

E alheiam-se de ambições mesquinhas; seu espírito está sempre ausente de tudo que é vulgar — e vivem modestamente, a-pesar-de hospedarem no seu gabinete a todo o Universo...

Seu esforço é o maior entre todos, porque é o orientador de todos os outros — é aquele que procura redimir o homem, redimindo a vida, sem apelar para o funesto mito de deus.

São eles que assinalam e impulsionam a evolução da humanidade — que só se marca pelas conquistas realizadas no campo das ideias e da Ciência, conquistas que eles previram e levaram à consumação. Os séculos não se diferenciariam uns dos outros, o Tempo não teria sequência, o mundo estagnaria, se não fosse o trabalho dos sábios — esse trabalho insano que vai além duma epopeia e que não encontra expressão bastante digna dele em todos os dicionários.

Ante o seu estranho poder revelam-se todos os enigmas que atormentaram as épocas remotas e surgem para a cerimônia da revelação outros mistérios cuja existência nunca fora suspeitada; ante as pupilas agudas dos sábios tudo se desflora, rompem-se todos os véus, aniquilam-se todos os vetos, quebram-se todos os grilhões — e sob esses destroços que o sol científico vai queimando, reduzindo a cinza, passam em cortejo deslumbrador novos gênios, entoando um cântico triunfante.

Eles são os verdadeiros heróis, aqueles que não afrontam o heroísmo, pois enquanto os guerreiros, para conquistar uma cidade, sacrificam numerosos exércitos, eles conquistam o Universo sem derramar uma só gota de sangue. Todo o esforço dos sábios tende a elevar o seu semelhante e não a sacrificá-lo — eles integraram o homem num destino transcendente, eles enobreceram o homem, eles ergueram o homem mais acima de deus. E englobaram sob a mesma lente o Passado, o Presente e o Futuro — e por isso o grande livro da Eternidade é demasiadamente pequeno para nele se escrever a história desse esforço incomensurável.

Ferreira de Castro, Os Sábios,
in *A Epopeia do Trabalho*, 1926